

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: 10 Eldo

Class.: 67

Data: 18/02/71

Pg.: 05

FUNAI REVELA DESCOBERTA DE UM SERTANISTA

Índios louros e de olhos azuis na área da Transamazônica

No dia 23 de dezembro do ano passado uma expedição da FUNAI fez o primeiro contato com uma tribo quase desconhecida, os Parakanan, e teve a grande surpresa: os índios eram brancos e tinham a estatu-

ra média de cerca de 1,75m. Em consequência desse contato de brancos com os Parakanan, trinta por cento da tribo já deverão estar contaminados, segundo o sertanista João Américo Peret, autoridade no assunto.

ESSA TRIBO ESTÁ PARA DESAPARECER?

Estava deserta a primeira aldeia que alcançamos. Todos os moradores tinham fugido, imaginando que a doença era um ser sobrenatural que atacara a aldeia e podia ser evitada se escapassem para longe. Fomos encontrá-los acampados na mata, fugindo da peste mas já atacados por ela. Alguns índios ao chegarem ainda tiveram forças para armar abrigos de folhas de palmeiras sobre a rede, mas a maioria, prostrada pela doença, estava ao relento, ardente em febre, sob a chuva. Foram levados a tal grau de depauperamento orgânico que já não tinham forças para alcançar os extensos roçados que deixaram na aldeia, a fim de conseguir alimento; nem mesmo água podiam buscar. Já morriam de fome e de sede, tanto quanto da doença. Crianças enfermas rolavam pelo chão, tentando manter os fogos acesos, sob a chuva, para se aquecerem. Os pais, queimando de febre, nada podiam fazer.

Isso aconteceu em 1950; está no livro *Os Índios e a Civilização*, em que um antropólogo conta o primeiro surto de sarampo que atingiu os índios urubus-kaapor. A realidade de hoje está no caminho da Transamazônica, depois do contato mantido

entre a frente de pacificação da FUNAI e os índios parakanan, tribo quase desconhecida e arredia, no dia 23 de dezembro do ano passado.

Cerca de 50 índios invadiram o acampamento da FUNAI e pegaram tudo o que havia ali — alimento, facões, rédes, roupas, e levaram para sua aldeia um perigo para eles desconhecidos: os vírus. Pelo menos 30% da tribo já estão contaminados, é a opinião de João Américo Peret, uma das maiores autoridades no assunto.

Doença e contaminação são apenas o início de um contato permanente de tal maneira maciço que o índio, para sobreviver, terá de passar a adotar não só todo esse instrumental nosso, sobretudo instrumentos de ferro — enxadas, facões etc. —, como também transformar sua economia e sistema de consumo interno para um outro, de produção de mercado. Trocando em miúdos: vão fornecer, por exemplo, farinha e batatas para os grupos de trabalho da Transamazônica.

A FUNAI estabeleceu uma série de medidas de ordem médico-sanitárias para evitar a propagação de doenças. No entanto, quando os Para-

kanan entraram no acampamento levaram as roupas de alguns funcionários que estavam gripados. Estão indefesos, assim, contra as doenças que podem afetar a população indígena: como a gripe, tão comum em qualquer criança civilizada, mas que pode dizimar fácil uma tribo inteira.

O que fazer

Na tentativa de evitar a propagação de doenças e evitar conflitos maiores entre a frente da estrada e os índios, a FUNAI estabeleceu uma série de princípios e um grupo de trabalho — Dr. Eduardo Galvão, Protásio Frickell, Expedido Arnor, Adélia de Oliveira, e mais representantes do FSESP, do DNER e da própria FUNAI. Turmas de atração e pacificação, estarão sempre adiantadas em relação à frente da estrada, de modo a estabelecer contato de natureza pacífica e introduzir as medidas de ordem médico-sanitárias.

Eduardo Galvão, do grupo de trabalho e autoridade internacional sobre o índio, vê um quadro pouco otimista. Para ele, "o processo vai ser tumultuado e é possível mesmo que o índio venha a ser marginalizado".

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Globo

Class.: 67

Data: 13/02/71

Pg.: 05 (cont.)

BRASÍLIA (O GLOBO) — Ao fazer o primeiro contato com a tribo Assurini, que habita a região por onde passa a Transamazônica, um sertanista encontrou vários índios louros e de olhos azuis. A revelação foi feita ontem pelo Sr. Paulo Monteiro dos Santos, diretor do Departamento Geral de Estudos e Pesquisas da Fundação Nacional do Índio, em reunião com os delegados regionais do órgão.

O sertanista Antônio Cotrim Soares encontrou os índios louros na área próxima aos rios Ipixuna e Pacajá. Os índios Assurini já pacificados, que acompanhavam a expedição, não conseguiram fazer-se entender pelos índios louros. Por estes dois fatos, a FUNAI admite que a tribo não seja a Assurini; há possibilidade de ser um grupo Tapirapó, que se afastou anos atrás do rio Tapirapó, perto da ilha do Bananal, e no mais foi localizado.

O Sr. Paulo Monteiro dos Santos informou que em abril será iniciada a segunda etapa da missão de pacificação dos indígenas que habitam a área da Transamazônica, agora no trecho que vai de Itaituba a Humaitá. Os técnicos do órgão já iniciaram os estudos para aumentar a área do Parque Nacional do Xingu, para onde deverão ser levados os índios arredios que habitam a região da futura rodovia Cuiabá-Santarém.



OS "PARAKANAN" SÃO BRANCOS E ALTOS

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Globo

Class.: 67

Data: 18/02/71

Pg.: 05 (cont)



UM MOMENTO IMPORTANTE: O INDIO VESTE ROUPA PELA 1.ª VEZ

O encontro com os Parakanan

(cena um, real)

Depois de um mês de andanças no mato, finalmente o grupo encontra uma pista certa. Num lugar cheio de cobras, jararacas e formigas lutucandeiras, eles só têm um objetivo: encontrar e atrair os índios Parakanan. Quinze homens dormindo e comendo como os índios que procuram. Dão com a aldeia. Recebem uma agressividade já esperada. Dizem que não têm nada a ver com os brancos que penetraram antes na região, gateiros e coletores de castanha que mataram boa parte de sua gente. A prova está nos presentes que deitam no chão. Depois de algum tempo, os índios, desconfiados, deixam de lado suas retesadas flechas e aceitam os presentes. Há uma curta confraternização. Logo a seguir, os índios avisam que os brancos devem ir embora, pois as mulheres da tribo estão nervosas, e que não estão autorizadas a sem autorização.

(cena dois, real)

O abrigo escolhido por João Carvalho e Osmundo dos Anjos não está dentro do figurino da FUNAI. Fica dentro do território indígena, no Alto Tocantins, sul do Pará, mas longe de todos os

meios de comunicação. [Não está cercado de arame farpado nem de zinco, como proteção contra uma possível saraivada de flechas. Eles estão longe longe. O reabastecimento de presentes, um problema. Depois do primeiro contato deixaram de dormir nos acampamentos de caça dos índios. Agora, já têm, para seu sustento e para atrair os índios, que, por enquanto, só ficam na espreita, escondidos, mas observando, passo a passo, noite e dia, o movimento deles. O local tem uma grande vantagem: não tem mosquitos. Dormem cedo, 7 da noite. Todos no acampamento esperam o dia do "namôro". Enquanto isso, todo o cuidado é pouco. Qualquer atitude mal interpretada pode quebrar o lento trabalho.

(cena três, real)

Dia 22 de dezembro, 9,30 da manhã. De repente, 50 índios invadem o acampamento e levam tudo o que encontram pela frente, roupa, comida, rédes, facões etc. Lá estão, além dos funcionários da FUNAI, o Major Bahia, delegado

Regional da FUNAI, Coronel Bloise, diretor do Posto de Pucurut, Mr. Ruff, diretor da Companhia Meridional de Mineração, suas filhas Andréa e Jackie, um repórter e um cinegrafista, chegados no dia anterior de helicóptero. Brancos, altos, cabeça quase raspada, e nus, a incursão dos Parakanan deixa atônitos a todos, que o máximo que fazem é ajudá-los a levar o que querem, como mostra de amizade — e o acampamento estava quase "a zero". Termina o saque, os índios mostram sua alegria. Dizem ao intérprete da frente o nome do capitão da tribo, Apirilim, e acrescentam que voltarão para levá-los à aldeia. Agora, três problemas para resolver: fazer chegar socorro para o helicóptero enguiçado, reabastecer o acampamento de presentes e arrumar o que comer e como dormir.